

revista



USP

espaço e tempo

Volume 24 • nº 3 (2020)

ISSN 2179-0892

Ricardo Mendes Antas Jr.

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP, Brasil

ricardomendes@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8393-0964>

p. 410-411

Como citar este artigo:

ANTAS JR, R. m. Editorial. **Geosp – Espaço e Tempo** (On-line), v. 24, n. 3, p. 410-411, dez. 2020. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/178367>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2020.178367>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 Licence

Editorial

Vem a público o terceiro número de 2020 da *Geosp – Espaço e Tempo*. O ano foi muito difícil para toda a comunidade acadêmica e que dá mostras claras de resistência aos constantes ataques que vem sofrendo. Da parte dos professores pesquisadores da geografia, isso fica manifesto em várias frentes, e a *Geosp* representa uma dessas frentes, relativa à produção e à circulação do conhecimento.

Foram publicados 38 dos 58 artigos que passaram por avaliação cega por pares, envolvendo 86 autores, números que expressam a produção de pesquisas e reflexões teóricas sobre uma grande variedade de temas e abordagens que requerem um trabalho editorial rigoroso para garantir a boa qualidade da publicação. Nessa busca pela excelência na divulgação do conhecimento geográfico, os pareceristas colaboradores têm importância central, e, até o mês de novembro, foram 170 pareceres concluídos este ano. A equipe editorial, agora com 17 membros, é composta por professores dos programas de pós-graduação em Geografia Humana e Física – FFLCH-USP e convidados de outros programas, forma um coletivo com o objetivo eleger e estimular pesquisadores para contribuir com a revista.

Essa rede de geógrafos que se forma para viabilizar a circulação de nossa produção científica é uma mostra de organização e também de resistência, posto que nos encontramos no meio de uma pandemia e em seu conseqüente distanciamento social, acompanhada de uma crise política sem precedentes no país. Portanto, cabe-nos agradecer todas as colaborações e incentivos para essa produção editorial da *Geosp – Espaço e Tempo*.

Abre este número o artigo de Ana Fani Alessandri Carlos que trata da “hipótese segundo a qual a propriedade privada da riqueza, em suas várias formas, está no fundamento da produção do espaço urbano”. Nessa reflexão, a autora desenvolve seu argumento a partir da prática socioespacial urbana, e sua crítica à propriedade privada debate a contradição centro/periferia, a práxis social fragmentada e a luta pelo direito à cidade.

No artigo “Urbanização, discursos e relações de poder: turismo e planejamento urbano em Florianópolis (1950-1980)”, Maria Helena Lenzi e Tiago Cargnin Gonçalves discutem o planejamento urbano que leva em conta os atributos turísticos da capital. Outro artigo que trata de Santa Catarina, agora considerando o estado como um todo, é a análise de Márcio Rogério Silveira e Lucas Azeredo Rodrigues sobre a reestruturação do transporte aéreo de passageiros, alterada pela inserção de novos modelos de mercado por intermédio das estratégias logísticas adotadas pelo Estado e pelo meio corporativo. Também sobre a circulação de passageiros, Bruno Candido dos Santos analisa o transporte interestadual de usuários do sistema rodoviário segundo a mudança de marcos regulatórios e a reorganização corporativa e operacional das empresas rodoviárias, estabelecendo uma relação com as transformações por que veio passando o transporte aéreo nos últimos anos.

Em “Da nuvem ao território nacional: uma periodização das empresas de transporte por aplicativo no Brasil”, Fabio Tozi traz um debate sobre a Uber no Brasil e o processo de *uberização*

da economia, explicando o papel ativo do espaço na realização concreta das “plataformas digitais” e o papel estratégico da informação no período atual.

Ricardo Castillo e Henrique Faria dos Santos, autores de “Vulnerabilidade territorial do agronegócio globalizado no Brasil: crise do setor sucroenergético e implicações locais”, analisam o tema a partir da especialização regional produtiva provocada pelo padrão de ocupação da agroindústria e a recente crise econômica do setor sucroenergético.

Em “O desconforto das regiões e das classes”, Leonardo Luiz Silveira da Silva e Alfredo Costa propõem um debate epistemológico que problematiza a construção arbitrária dessas categorias de análise, na qual a região é entendida como simplificadora da diversidade do espaço ao homogeneizá-la, e a noção de classe “negligencia a diversidade identitária de seus membros”.

O artigo “A reformulação da rede federal de ensino profissional como estratégia geopolítica para produzir inovação tecnológica no Brasil”, de Mauro Sergio Pinheiro dos Santos Souza, faz uma reflexão sobre a política de reformulação da rede federal de ensino do governo federal na educação profissional e as consequentes imbricações territoriais da produção de inovações.

Ludmila Gonçalves Martins e Antônio Carlos Queiroz Filho problematizam, por meio da literatura, o modo como se produzem imaginações espaciais únicas sobre os lugares. Assim, o artigo “Por outras grafias de lugar: do encontro de trajetórias em *Uma viagem à Índia* à escrita literária como experiência geográfica” se fundamenta nos desenvolvimentos teóricos de Doreen Massey, e os autores analisam o lugar como múltiplo, segundo a justaposição de relações e narrativas heterogêneas de mundo.

No artigo “Espaço, debate e (in)visibilidade: estudos sobre terreiros de candomblé em revistas brasileiras de Geografia (2000-2019)”, Emerson Melo e Aline da Fonseca Sá e Silveira fazem um importante levantamento da raridade com que esse tema vem sendo debatido em periódicos especializados em geografia.

Tendo a paisagem como categoria central, Maria Rita Vidal e Abraão Levi dos Santos Mascarenhas analisam a estrutura e a dinâmica das paisagens da APA do Estuário do Rio Curu, no litoral oeste do Ceará, por meio da geoecologia das paisagens e de sua organização estrutural e funcional.

No artigo “Tendências das séries temporais de precipitação no estado do Paraná”, Beatriz Siqueira e Jonas Teixeira Nery avaliam as tendências observáveis nas séries temporais de precipitação no estado do Paraná segundo os índices de concentração (IC) e de concentração da precipitação (IPC).

Por fim, por sugestão e apoio editorial do Prof. Fabio Betioli Contel, trazemos aos leitores da *Geosp* a tradução do importante artigo de Benno Werlen “Ação, conhecimento e relações sociais do espaço”, em que o autor trata da relevância da dimensão espacial na compreensão das ações humanas por meio dos conceitos geográficos formulados depois da virada espacial (*spatial turn*) das ciências sociais, dos estudos culturais e de humanidades. Trata-se de uma contribuição teórica de Werlen ao debate crítico da geografia sobre seu lugar nas ciências sociais.

Esperamos que os textos tragam aportes à pesquisa de muitos que estão envolvidos com os temas desse último fascículo de 2020 e desejamos boa leitura a todos!

Ricardo Mendes Antas Jr.